

Narcolepsia das profundidades

A minha alma doente

Está viciada em mim

E quando a dose é insuficiente

Vem-me esta vontade de fim

Já não sei ser à superfície, é tarde

Passei tempo demais na profundidade

À procura do absoluto, do porquê, da verdade

Desaprendi os gestos, os modos, a felicidade

Por isso quando regresso ao mundo, à cidade

Oíço de todos o que ninguém me diz: *Vai-te! Não és daqui!*

Estás doente de inquietação, tresandas a fim

Louco que diz ser ouro, coisa que é chumbo aqui

Monstro que grita enquanto olha, chora enquanto ri

Vai! Não hesites! Atira-te para dentro de ti

Extremo crepúsculo

Alcancei o Ártico da minha alma

Alva extensão gélida e calma

Nada me condena, ninguém me salva

Só o imenso me acompanha, só o vento me fala

Os milímetros são milhas, nada tem escala

Mentem os mapas, as bússolas falham

Faltam sonhos que de tão irreais até se atrapalham

No sonhar de serem sonhados por nervos que os calam

Ó águias! Que respirais atmosferas de jaula

Jamais por inteiro se abrirão vossas asas

Entre os muros do lar, sob os tectos das casas

Amor não correspondido

Amor meu que meu não queres ser
Abraço que minha ânsia não desflora
Trancado nesses braços onde não mora
A ânsia por este amor que é todo teu

Não me culpes, não o quis, nasceu
Como nascem raízes na terra ou estrelas no céu
Já disse: *Não o quis*. Digo o que sempre se diz: *Aconteceu*
Não fui eu que assim escolhi, mas sim o fado que escolheu

E de nada valeu
Tentar afastar meus olhos dos teus
De nada adiantou, sequer, rogar súplicas a Deus

E mesmo que de ti apenas oiça: *Adeus*
Sabe tu, por estes versos que o desespero me deu
Que o sangue que em mim corre e o que correu

Não é de ninguém mais. É teu

Vazio depois de um jantar de amigos

Horas malditas no mostrador da alma

Os amigos foram-se, a solidão ficou

Os risos calaram-se e o silêncio falou:

Quem és tu? Inquietação que jamais se acalma

Criatura cenário que encena uma farsa, ó tristíssima desgraça

Saberá o público o desespero que te trespassa?

Saberão eles? Que é de tinta teu sorriso, de cera, tuas asas

Procuras grandeza em versos! Néctar em divinas taças

Sê maior! Procura grandeza pelas sarjetas da praça

Pergunta-a no olhar dos bêbados, no passar de quem passa

Nas rugas das ruínas, numa pétala caída, numa pena sem asa

Sê! Santíssimo demónio! E sente a eternidade que alastra

Aceita-a! Bebe-a, dá-te, aumenta-te, abraça-a

E mostra a verdade, antes que a morte te arranque a máscara

Sim, o eu derradeiro

Eu solitário na arena de mim mesmo

Aguardando o adversário do derradeiro combate

Será a derrota? A vitória? O empate?

E o coração bate; à força de nervos e medo

O público histérico são os olhos por onde contemplo

A sanguinária inutilidade do campo de batalha

Maldita seja a invulnerabilidade destas muralhas

Que cercam a consciência em pânico de perder o templo

Ninguém chega. Será covarde ou apenas lento?

Aquele que ouvirá e de quem ouvirei

O pronunciar horrível do último alento

Calma, calma. Virá o tempo

Proclamar a vitória de quem derrotarei

Sim, derrotado, perdedor, ridículo, imenso

Sim serei eu

Porque sei que está cheia de veneno

A taça vitoriosa do momento

Sim, serei eu

Porque sou David com Golias lá dentro

Teseu com Minotauro no centro

Acédia

Seco. Inútil. Estanque

Do intenso esforço extenuante

De ter a inércia por amante

Em lençóis de nervos delirantes

E longamente nos afundamos

Em orgias semi-ardentes

Espasmos de espelhos impotentes

Sombras sem corpo, fetos sem ventre

Vagueei pela minha alma profundamente

Vi pântanos, esgotos a céu aberto, lava dormente

Ouvi uivos, murmúrios, que eram de alguém

De alguma coisa que não era gente

Na esquina, à espera dela

Ei-la enfim que chega!

Com aquele seu andar que atropela

Meu olhar que segue as curvas dela

Numa ânsia sôfrega e amarela

A raiva de me saber viciado nela

Lábios que me puxam como uma trela

Mãos frágeis com uma força que gela

Meu cérebro tão quieto junto dela

E pergunta-me ela: *Como estás? Bem, e tu deusa caída?*

Também, estás há muito tempo à minha espera?

Não sei, talvez toda a minha vida

Que queres dizer? Nada que se diga

Já sei, estás zangado por teres ficado à espera

Abraça-me amor. A minha alma já sossega

Via Crucis

Na cruz infinda do Universo

Agita-se o Homem-Deus:

Pai! Onde estás? E vós, anjos do céu?

Porque me fizeram juiz, se aqui sou feito réu?

E o coro do mundo perverso e ateu:

Não! Não cremos! Deus? Matámo-lo, morreu

Salva-te! Se é teu pai esse Pai que chamas teu

Ele que te livre da cruz em que Ele próprio padeceu

E o Universo pesa, esmaga, dissolve, rasga

Gestos que pregos de carne prendem a braços

Pés com cravos de sangue pregados a passos

A Humanidade inteira - Judas, Herodes, Pôncio Pilatos

Não saber estar

Estou além estando aqui

Sabendo que o além onde não estou

É o aqui de alguém que não sou

Algures, outrem, longe de mim

Amargamente sei que qualquer além

Será sempre um novo aqui

Sucessivamente num suceder sem fim

Mas ainda assim espero; aqui

Não importa o quê ou quem

Deus, diabo, amante, abismo, nada, ninguém

Espero, nem que seja o silêncio que aí vem

Poderia chorar, blasfemar, chamar por minha mãe:

Mãe! Porque não pariste tu um outro alguém?

Capaz de ser num aqui onde eu só sou além

Retórica e raiva

Quem chama o meu nome?

Enquanto sufoco meus fetos de grito

Quem procriou a esfinge?

Que ao longe já fito

Anjos. Demónios. Lúcifer. Cristo.

Temer-vos? Porquê meus irmãos?

Se juntos proviemos da mesma amplidão

E porque não? Assumir-se o Ser como abençoado e maldito

Porque não? Digo-vos! Ó insensíveis seres feitos estrelas

Sem alma humana seríeis meros pontos sem dom de infinito

Sem nosso olhar seríeis brilho sem luz, factos sem mito

Donde vem este vento que uiva a raiva que sinto?

Prece para semi-ateus

Meu Deus que não existes

Nem na terra, nem no mar, nem no céu

Peço-te que deixes de ser juiz

Para que eu deixe de ser réu

Senhor dos cegos e dos surdos

Ou então, senhor cruel e mudo

Quem foi? Senão nosso medo absurdo

Que te elegeu senhor do mundo

Senhor imperial de tudo

Do teu nome só sei gaguejar, sem fim

Essa primeira ínfima sílaba

Que caída encontrei em mim

Sílaba imperfeita e mais que incompleta

Rima desfeita de um poema sem poeta

Eu, eu, eu, eu, eu

Saber de experiência imperfeita

Sou estrangeiro onde quer que esteja

Nativo donde quer que parta

Um caminho só nunca me basta

Sou nómada mesmo dentro de casa

Por compêndio só aceito páginas

que sejam as de um diário

Calmaria

Não sei o que escrever

Nem sobre o que escrever

Por isso escrevo isto sobre isso

De não ter nada para escrever

Olho a minha vida

E vejo uma enorme tela em branco

Com o meu nome escrito num canto

Que grande obra desvanecida

Retratei a face inexistente do nada

Escrevi sem palavras uma epopeia esquecida

Esculpi no ar uma pose do impossível

Circum-naveguei-me e encontrei no fim

Uma ilha perdida onde não vivia ninguém

A não ser ruínas de sonhos e quimeras

Ossadas de miragens, escombros de além

Pensamentos num cortejo fúnebre

Vesti-me de mim

Para ir ao meu enterro

Adeus querido adeus!

Até sempre meu adorado erro

Mas não, ainda não. Ainda é cedo

No peito ainda o coração bate

Ainda o sonho na alma se debate

Gritando-me com medo, bem alto:

Arranca-me de ti! Nasce-me!

Não deixes que a tua morte me mate

Não deixes que o teu cadáver me arraste

Arranca-me de ti casulo

Rasga-te

E parte

Real

Mistério de ilhas que não vêm em mapas

Idílios de corpos que o tempo não mata

Palavras sem letras acampadas em cartas

Escritas à miragem que todos os dias me rapta

Porque não escreves sobre coisas reais?

Perguntam-me os amigos e outros que tais

Algo concreto, actual, que saia nos jornais

Realidade? Para quê? Ainda querem mais?

Faltam os Sonhos

Realidade, já há demais

Seguindo Tertuliano

Amo a Deus porque é o Sonho Soberano

Porque é o absurdo mais imenso, o mais humano

Amo, mesmo não crendo, mesmo blasfemando

Mesmo em raiva, mesmo que não seja salvo

(Amo, às vezes, não sei o quê

Não sei a quem

Amo, e não sei porquê

Meu Deus, Amo)

O cortar do cordão

O Universo tem saudade de Deus

Ninguém se lembra, ninguém

Como ou quando o Além ficou além

Qual dos dois, primeiro, pronunciou: *Adeus*

E fez-se a noite e o dia, a terra e o céu

Do mar abismo vazio, o fogo irrompeu

Condensado arquipélagos de Ser solidificados Eu

E o olhar envolveu a alma como um véu

Quem? A nova Pandora. Quem? O renascido Prometeu

Que ousará romper, dilacerar o Eu?

Cordão umbilical que prende o Universo a Deus